

# INDÚSTRIA BUSCA RETOMAR SEU PROTAGONISMO NO BRASIL

Maior encontro do setor industrial no País debateu os caminhos para tornar as empresas brasileiras mais produtivas e competitivas. Lideranças avaliam que é possível ganhar robustez e contribuir para a geração de emprego e renda — impactando no desenvolvimento de toda a economia

**Marcelo de PAULA**



**HORA DE AGIR** Para o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, cabe à indústria criar novas oportunidades

“**N**ecessitamos de uma política industrial que olhe para o futuro, baseada no aumento da produtividade e na transformação das estruturas produtivas”. A afirmação é do presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Braga de Andrade, feita durante a abertura do 12º Encontro Nacional da Indústria (ENAI), realizado de forma on-line nos dias 17 e 18 de novembro. Para Andrade, a indústria nacional mostrou, durante a pandemia, sua resiliência e capacidade de adaptação. Mas agora há um desafio maior que é aumentar sua produtividade e competitividade no cenário mundial. É preciso também se inserir nos novos modelos de produção e de negócios que surgem com o rápido processo de digitalização da sociedade.

A indústria, hoje, representa 21% do PIB. É responsável por mais de 60% dos gastos em pesquisa e inovação. Emprega mais de 10 milhões de trabalhadores com carteira assinada e responde por 42% dos impostos estaduais e 32% dos federais. Apesar de sua grandeza, vem perdendo espaço na economia e sofre

com a concorrência externa. Situação que o presidente da CNI não aceita. “Não devemos tolerar a crescente perda de espaço de nossa indústria nos cenários internacional e doméstico”, disse Andrade.

O tema do encontro foi um a provocação: Como tornar a indústria brasileira mais competitiva para impulsionar o crescimento do País? Organizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e Serviço Social da Indústria (Sesi), em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o evento teve as participações de 12 palestrantes e 26 debatedores. Eles falaram sobre questões emergenciais e estratégias de longo prazo. Os painéis e as palestras trataram, por exemplo, da urgência da reforma tributária, da nova estratégia de política industrial, da inserção internacional das empresas, de oportunidades da economia circular, da sustentabilidade na indústria, da busca da eficiência do Estado e dos desafios para a indústria 4.0.

**BASE PRODUTIVA** O próprio formato do encontro neste ano, que por causa da pandemia foi totalmente virtual, dá a dimensão dos complexos desafios a serem enfrentados. Andrade ressaltou que essa adaptação é também uma demonstração da “capacidade de superar as adversidades” e comentou sobre os aprendizados advindos da crise. “A pandemia deixou claro que todos os países devem aumentar sua base



produtiva. É preciso reindustrializar o Brasil e criar condições para uma indústria competitiva e inovadora”, afirmou.

Entenda-se como criação de condições a solução de obstáculos que prejudicam o setor. O principal deles é o sistema tributário cuja reforma pede urgência e, em paralelo, olhar para questões como as adaptações necessárias para evitar a mudança climática e investimentos públicos e privados em ciência, tecnologia e inovação. “São a chave para desenvolver novos modelos de produção e negócios. Cabe a nós transformar desafios em oportunidades”, disse.

O gerente da Unidade de Competitividade do Sebrae Nacional, Cesar Rissete, que também participou da cerimônia de abertura do Enai, seguiu a mesma linha de pensamento. Ele destacou os impactos da pandemia e as oportunidades que

**INCLUSÃO**  
Cesar Rissete, do Sebrae Nacional, afirmou que aumentar a produtividade e a competitividade depende de parcerias, da internacionalização e da inclusão das empresas de pequeno porte nas cadeias de valor

surgiram durante a crise sanitária. “Temos o desafio de aumentar a produtividade e a competitividade, por meio de parcerias, inclusão digital, internacionalização e inclusão das empresas de pequeno porte nas cadeias de valor”, disse.

**CLIMA** Convidado para proferir a palestra magna do Enai, intitulada “Mudança exponencial – A transformação total dos negócios e da sociedade”, o escritor e CEO da Futures Agency, Gerd Leonhard, avalia que depois da Covid, empresas e governos voltarão seus olhos para as mudanças climáticas. E a tecnologia será essencial para enfrentar o desafio do aquecimento global. “Será a próxima onda. O Brasil não pode perder a revolução da sustentabilidade global”, afirmou Leonhard.

Para ele, a sustentabilidade será tanto uma necessidade quanto um negócio lucrativo. Transações feitas nas Bolsas de Valores em torno de empresas ambientalmente responsáveis mostram isso. Otimista, ele acredita que nos próximos dez anos o Brasil pode mudar mais do que nos cem anteriores. “Mas vocês estão na bifurcação da estrada: é preciso fazer escolhas certas, sem margem para decisões equivocadas”. O palestrante aproveitou para dar um conselho ao empresariado nacional no tocante ao desenvolvimento tecnológico. “Não se limitem a usar a tecnologia dos outros. Desenvolvam suas próprias tecnologias.” **S**

“O BRASIL NÃO PODE PERDER A REVOLUÇÃO DA SUSTENTABILIDADE GLOBAL. É PRECISO FAZER ESCOLHAS CERTAS, SEM MARGEM PARA DECISÕES EQUIVOCADAS”

**GERD LEONHARD**, CEO DA FUTURES AGENCY





**PERSPECTIVAS PARA A ECONOMIA** Ana Paula Vescovi, do Santander, e Eduardo Gianetti participaram do painel moderado por Renato Fonseca, da CNI

# DAS REFORMAS À INSERÇÃO NA INDÚSTRIA 4.0

Especialistas debateram problemas e soluções dos principais temas da agenda para fortalecer a indústria nacional

**S**e o Brasil quiser ter crescimento sustentável e duradouro nos próximos anos, precisará ajustar as contas públicas. É o que defende o gerente-executivo de Economia da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Renato da Fonseca, moderador de um dos painéis do 12º Encontro Nacional da Indústria (Enai), dias 17 e 18 de novembro. Com a participação da economista-chefe do Santander, Ana Paula Vescovi, e do economista Eduardo Gianetti, o painel Perspectivas para a Economia Brasileira jogou luz sobre assuntos prioritários para a indústria — mas

que também são importantes para os demais setores da economia.

A responsabilidade fiscal foi um dos focos do debate. Se as medidas emergenciais adotadas pela pasta de Paulo Guedes tiveram impacto positivo para o enfrentamento da pandemia, agora é preciso criatividade para cortar despesas de forma a não desrespeitar o teto de gastos. “Precisamos dessa ancoragem fiscal, por meio de uma reforma administrativa”, disse Gianetti, acrescentando que o futuro exige uma pauta de privatizações e concessões, além da manutenção da taxa de juros baixa. Outra reforma necessária,

na visão dos especialistas, é a tributária, que tornará o ambiente de negócios mais atrativo. “Trazer eficiência nesse campo poderá aumentar a arrecadação via uma economia mais pujante”, afirmou Ana Paula Vescovi, do Santander.

Se as reformas são essenciais para o Brasil, a atividade industrial precisa de algo mais: uma nova política para o setor. Essa foi uma das conclusões do painel mediado pelo gerente de Políticas Industriais da CNI, João Emilio Gonçalves, com as participações do presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast), José Ricardo

Roriz Coelho, e do CEO da Fator Administração de Recursos (FAR), Paulo Gala. O painel tratou dos componentes que devem integrar uma política industrial eficiente, capaz de reforçar a participação do Brasil no mercado global. “Empresas como Samsung ou Hyundai não nasceram do espírito empreendedor de um coreano, mas de uma política bem desenvolvida e articulada entre governo e iniciativa privada”, afirmou Paulo Gala, ao defender que uma política industrial eficiente deve ter uma meta clara, com um espaço de tempo bem definido e a missão objetiva de conquistar mercados internacionais. Para Roriz, é fundamental levar em consideração o efeito multiplicador que o setor tem sobre a economia. “A cada real produzido pela indústria, são gerados R\$ 2,32 para a economia brasileira como um todo.”

**EXPORTAÇÕES** As medidas comerciais restritivas adotadas durante a pandemia de Covid-19 pioraram o acesso de 12,2% das exportações brasileiras a outros países. Ao todo, 238 medidas adotadas por diversos países foram prejudiciais à comercialização de produtos brasileiros e outras 130 foram positivas. Os dados foram apresentados pelo coordenador do Global Trade Alert, Simon Evenett, durante o painel Inserção Internacional como Estratégia para a Retomada da Indústria Brasileira. “Com as medidas implementadas ao redor do mundo, 2,4% das exportações de bens tiveram seu acesso ao mercado melhorado. Mas 12,2% enfrentaram situações mais difíceis”, afirmou Evenett. Para ele, esse cenário evidencia a importância de se reduzir o custo Brasil e aumentar a competitividade dos produtos nacionais para que eles

superem a desvantagem criada pelas medidas protecionistas de outros mercados.

As discussões, evidentemente, não se limitaram às demandas do setor junto ao governo brasileiro ou à superação de desafios originários de outros países. O painel Redefinindo o Supply Chain tratou da integração dos pequenos negócios à cadeia de valor das médias e grandes empresas. Um processo que pode gerar novos negócios, mas exige qualificação. “As pequenas empresas precisam adquirir novas competências, como processos e tecnologias, para conseguir ingressar nessas cadeias”, afirmou o gerente da Unidade de Competitividade do Sebrae Nacional, Cesar Rissete. João Pedro Branco, partner na McKinsey & Company, ressaltou o ganho que as empresas de dife-

rentes portes têm ao integrar suas cadeias de produção. Rissete destacou três pontos: a compreensão do modelo de abastecimento; a melhoria dos processos de gestão e planejamento; e a eficácia dos processos produtivos.

O encontro foi encerrado com um debate sobre os desafios trazidos pela quarta revolução industrial, a chamada indústria 4.0. Os altos custos para implantação desse novo modelo de produção foi apontado como a principal causa do atraso brasileiro. Mas há também aspectos de cunho educacional e cultural que tornam-se entraves para o setor vencer esse desafio. Durante o debate foram apresentadas algumas iniciativas bem sucedidas como o programa Rota 2030, que promove o fomento à pesquisa e à inovação com contrapartida tributária. **S**



## DEBATES PERTINENTES

Ao lado, Ciro Marino, presidente da Abiquim, e Dan Ioschpe, presidente do Sindipeças (nas telas), conversam com Rafael Lucchesi, diretor-geral do Senai, e Carlos Eduardo Abijaodi, diretor de desenvolvimento da CNI, durante o painel sobre os desafios da indústria 4.0. Abaixo, João Pedro Branco, da McKinsey & Company; com Sebastian Pereira, sócio-diretora da Sabanella Reciclagem de Gesso; Ricardo Keiper, da GE Aviation, e Cesar Rissete, do Sebrae, que foi o moderador do painel Redefinindo o Supply Chain

# UM FUTURO PROMISSOR

Pesquisa mostra que 62% dos empresários do setor projetam faturamento maior no próximo ano – e 73% já operam com o mesmo nível de emprego de antes da pandemia

**A** depender das projeções de quem atua na indústria brasileira, 2021 será um ano de crescimento. Essa é a conclusão de uma pesquisa apresentada durante o 12º Encontro Nacional da Indústria (Enai), realizado nos dias 17 e 18 de novembro de forma virtual. O levantamento, inédito, encomendado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) ao Instituto FSB Pesquisa, teve o objetivo de mapear o impacto da crise sanitária na economia e revelar as estratégias adotadas para superar a

crise, além de medir a confiança dos empresários nos resultados do próximo ano. Foram entrevistados executivos de 509 empresas industriais entre 23 de outubro e 12 de novembro. O resultado é animador: 70% dos negócios industriais já estão operando com o mesmo nível de produção que tinham antes da chegada da pandemia de Covid-19. O estudo mostrou ainda que 69% já estão com faturamento igual ao do período anterior à crise. Para um número ainda maior (73%) o nível de emprego já igual ao registrado

na pré-pandemia. Quanto às perspectivas para 2021, 62% das empresas pesquisadas projetaram faturamento maior que o deste ano.

O que justifica o otimismo do setor? As respostas para essa pergunta variam. Mas é possível identificar alguns padrões. Entre as medidas mais importantes adotadas nos últimos seis meses para acelerar o crescimento do negócio, 40% apontaram a busca de novos fornecedores no Brasil. Para 39%, a aquisição de máquinas e equipamentos. Adotar novas técnicas de gestão da

produção foi a resposta dada por 30%, enquanto 20% investiram em novos modelos de negócio (a pesquisa permitiu escolher mais de uma resposta, por isso a soma é maior que 100%). Uma das boas surpresas do levantamento foi constatar que quase metade dos entrevistados afirmou estar hoje em situação melhor que antes da pandemia. Para 45%, a produção atual é maior que a de fevereiro e 49% têm um faturamento superior ao registrado no segundo mês do ano. Os que ainda estão com faturamento menor que no período pré-pandemia são 30% do total. Apesar de 87% das empresas terem sido afetadas pelas restrições impostas pela Covid-19, só 27% delas estão hoje com um nível de mão de obra inferior ao pré-pandêmico.

**AVANÇO** Para 55% dos entrevistados, o próximo ano será de crescimento econômico e apenas 12% acreditam que haverá retração em 2021. Quando perguntados sobre a performance da empresa em que

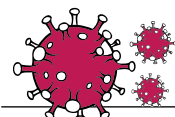


**EM PLENA ATIVIDADE** Mais da metade das empresas industriais (52%) recuperou a lucratividade de fevereiro

atuam, 62% responderam que o faturamento será maior – e 9% disseram que haverá queda. Com a retomada da produção e do faturamento, a maioria das empresas (52%) já registra, no mínimo, a mesma lucratividade de fevereiro – 28% com aumento e 24% com a manutenção das suas margens. A hipótese mais concreta para o fato de a margem de lucro ainda ser menor para quase metade das empresas ouvidas é que, mesmo com maior

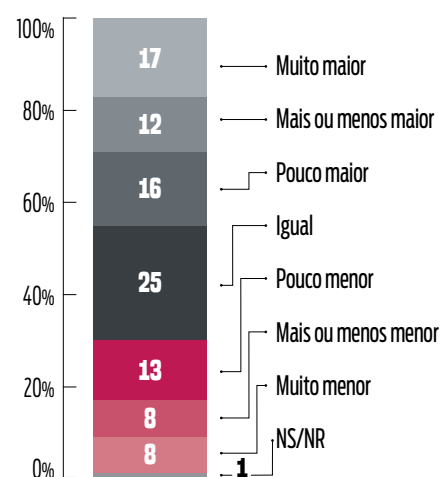
faturamento, as indústrias têm sofrido com a alta das despesas com energia e insumos.

Para o diretor de desenvolvimento industrial da CNI, Carlos Abijaodi, “a economia brasileira está em claro processo de recuperação”. Ele entende que “a retração foi grave, mas a atividade econômica vem avançando, ainda que aos poucos. A questão que se põe, neste momento, é como acelerar essa retomada”. **ES**

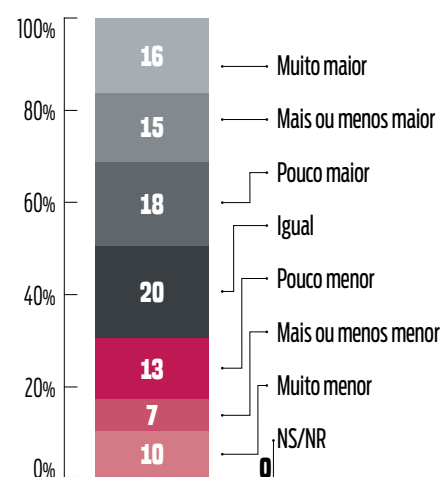


## O EFEITO DA PANDEMIA

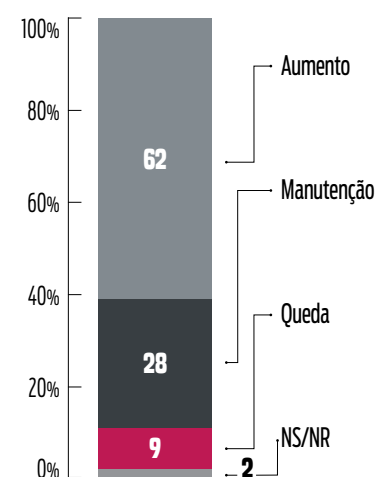
Produção hoje comparada a fevereiro (%)



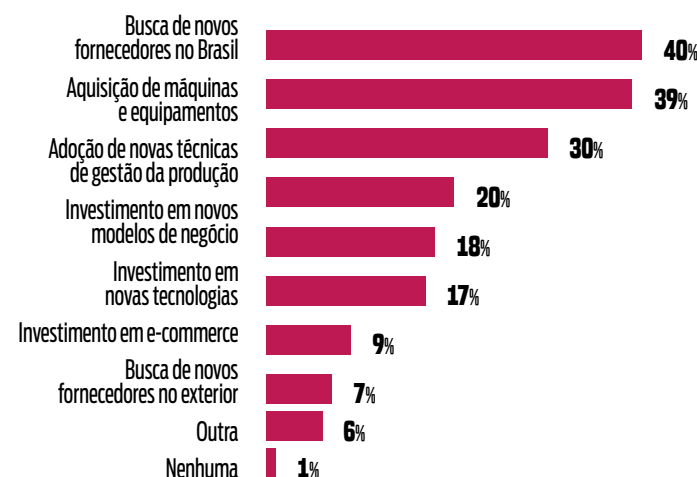
Faturamento bruto mensal hoje comparado a fevereiro (%)



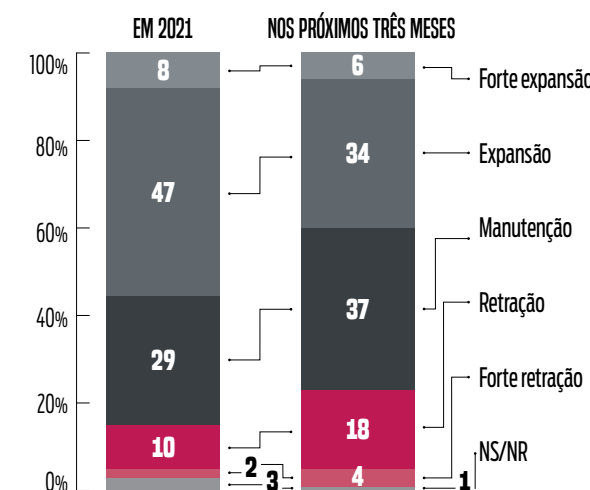
Expectativa quanto ao faturamento para 2021 (amostra total em %)



Medidas para acelerar o crescimento do negócio (em %)



Perspectiva para a economia brasileira



Fortemente afetada pelos efeitos da pandemia do novo coronavírus na economia, a indústria brasileira vem capitaneando, neste semestre, a recuperação do país. Agora, com o nível de emprego e de atividade de volta a patamares pré-pandemia, o setor industrial volta os olhos para a agenda de retomada. O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Braga de Andrade, reforça que essa agenda perpassa as reformas tributária e administrativa, além de avanços em medidas capazes de fomentar investimentos, como o marco legal do saneamento básico e o do gás natural. Sobre as lições que a pandemia deixa para o setor industrial, ele afirma: “O que foi importante neste ano foi que o Brasil e o mundo entenderam a importância de se ter uma base produtiva mais ampla, que não dá para se depender apenas de um fornecedor, ou de um cliente.”

# “A RECUPERAÇÃO DO BRASIL PASSA PELA INDÚSTRIA”

ROBSON BRAGA DE ANDRADE,  
PRESIDENTE DA CNI



**A Brasil iniciou o ano sinalizando, enfim, a retomada do crescimento. No entanto, veio a pandemia. Qual o balanço o senhor faz agora que estamos chegando ao fim de 2020?**

Este foi um ano completamente inesperado, atípico. Começamos 2020 com expectativa de crescimento de 3% da indústria. Acreditávamos no mercado interno, no aumento do consumo, no ambiente de negócios e também nas exportações, em acordos internacionais. Tínhamos uma agenda muito densa de negociações para este ano. No início de março, fomos surpreendidos pela pandemia. Houve uma queda brutal no consumo, nas encomendas, com uma consequente dificuldade das empresas de entregar produtos com a logística paralisada no país.

**Que perspectivas o setor tem para 2021? Que agendas precisam sair do papel para que o Brasil tenha uma retomada mais sólida da economia?**

O que temos de trabalhar em 2021 é criar condições de um crescimento sustentado. E, para isso, há medidas necessárias urgentes. As prioridades devem ser as reformas tributárias e administrativas. A manutenção do teto de gastos públicos também é fun-

damental, para que se viabilize o equilíbrio fiscal. Outras medidas poderão ajudar na retomada do crescimento econômico. Um exemplo é o novo marco legal do saneamento básico. O projeto aprovado recentemente pelo Congresso Nacional viabiliza a participação da iniciativa privada em um setor até então dominado por empresas públicas. Se também conseguirmos aprovar o novo marco regulatório do gás natural, este será outro ponto extremamente positivo. São medidas que podem ser alavancadoras do crescimento, independentemente do auxílio emergencial.

**O possível cenário de um auxílio emergencial menor no próximo ano preocupa em relação à recuperação da atividade econômica?**

Realmente o auxílio emergencial foi muito importante, injetando mais de R\$ 250 bilhões na economia. Existe uma grande preocupação de investidores e dos brasileiros com a situação fiscal do país e se espera um auxílio menor para 2021. Isso é um fator de menor injeção na economia o que, por um lado, preocupa. Por outro lado, houve um significativo avanço na discussão da reforma tributária no Congresso Nacional. Se ela for aprovada no início do ano, como esperamos, o País poderá dar um grande salto para alcançar um crescimento sustentável. Uma ampla reforma, que simplifique e racionalize o sistema tributário é fundamental para melhorar o ambiente de negócios e, consequentemente, atrair investimentos, gerar empregos e aumentar a renda da população.

**ue lições, em sua visão, a pandemia trouxe para a indústria brasileira?**

O que foi importante neste ano foi que o Brasil e o mundo entenderam a importância de se ter uma base produtiva mais ampla, que não dá para se depender apenas de um fornecedor, ou de um cliente. A gente tem que ampliar nossa base de produção no Brasil. Claro que não para produzir tudo, mas há uma necessidade de reindustrialização e aumento da capacidade industrial do País. Não podemos ser totalmente dependentes de insumos ou de produtos acabados fabricados em outros países.

**O que precisa ser feito para que o Brasil amplie essa capacidade produtiva brasileira? Qual é a complexidade de se fortalecer a base industrial do país?**

Fácil não é, mas o Brasil tem algumas vantagens. Nós percebemos durante a pandemia a capacidade da indústria brasileira de fazer inovação, de assimilar tecnologia e desenvolver produtos. Veja que, na pandemia, quando houve grande demanda por respiradores, tivemos empresa que desenvolveram equipamentos de última geração e de excelente nível e capazes de competir. O Brasil teve capacidade inovativa muito grande. Muitas das nossas dificuldades competitivas estão fora das fábricas. Temos a questão da falta de infraestrutura, a oneração das exportações. Por outro lado, o trabalhador da indústria tem capacidade para inovar e trabalhar com processos avançados. Fazendo uma reforma tributária e o Brasil crescendo, nós vamos ter muito mais condições de fazer investimentos em processos avançados. **ES**